

Homossexualidade, homossexualismo e

homofobia (ou homorraiva, homofúria, homo-ódio)

RICARDO ARAUJO COZER

Procurador do Trabalho

Abra sua mente
Gay também é gente
(Mamonas Assassinas)

Tudo bem simples
Tudo natural
(Roupa Nova)

O que é homossexualidade? É a característica dos seres que têm sentimentos e atrações física e emocional por criaturas (de idêntica espécie) de sexo ou gênero simétrico. A etimologia do prefixo *homos* encontra sua origem no grego antigo e significa “o mesmo” ou “igual”. Logo, o humano homossexual é aquele que, naquelas balizas, gosta de humanos de *genus* parelho: homem que deseja sexualmente e/ou expressa afeição amorosa por outros homens, também conhecido por *gay* (do latim *gaius*: jovial, alegre, animado); mulher que se excita e/ou ama romanticamente outras mulheres, denominada de lésbica (do latim *lesbius*: designa os habitantes da Ilha de Lesbos, onde residiu a poetisa Safo, que escreveu sobre amor e sexo entre mulheres).

E homossexualismo? É um sinônimo? Não. O sufixo “dade” indica qualidade, estado de algo ou alguém, modo de ser, condição do ser. Assim, homossexualidade = propriedade de interesse carnal ou passional por congêneres. E como todo vocábulo categorizador, sua conotação é neutra. Não é positiva nem negativa, boa nem má, elogiável nem

criticável, conforme nem desconforme, natural nem anatural. Simplesmente explicita *o que é*; não *o que deve ou não deve ser*. É objetiva.

Já o sentido da partícula “ismo” é polidimensional, como se vislumbra, didaticamente, na preleção estampada em *O caráter patológico na definição de homossexualidade em dicionários escolares*:

“Azeredo (2008) assevera que o sufixo -ismo possui alta produtividade na língua portuguesa e diferentes acepções, as quais se destacam a seguir: a) correntes de pensamento, tais como religiosas ou filosóficas, por exemplo, budismo; b) movimentos artísticos e/ou literários artísticos, como em romantismo; c) ideologias (e formas de pensar), a título de exemplo, militarismo; d) expressões culturais, como brasileiroismo; e, por fim, e) terminologias científicas, tendo como exemplo botulismo (...).

Baseando-se no exposto, chama-se atenção ao item de letra ‘e’, que se refere às terminologias científicas, que são termos específicos de áreas científicas, técnicas ou tecnológicas distintas, como as terminologias do campo da Medicina. Nesse sentido, a Medicina faz uso do sufixo -ismo para mencionar doenças físicas ou mentais, por exemplo, traumatismo, autismo, daltonismo, dentre outras.”

(https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/61118/1/2021_art_pcastorino_vrdxavier.pdf)

Sem muito esforço, vê-se associar-se à palavra homossexualismo, sob a capa de suposto rigor da Ciência,

uma semântica subjetivamente desfavorável, diminutiva, desprezável, repelente, repulsiva, estigmatizante, odiosa e patológica (passível, pois, de cura). Nesse horizonte, homossexualismo = enfermidade psíquica de interesse carnal ou passional por congêneres. Propagandeia um racismo sexual. Há 135 anos as pessoas com tez de coloração preta eram, no Brasil, juridicamente classificadas como coisas. Não se lhes reconhecia a humanidade formal (hoje ainda não são titulares da humanidade material, ante os diários e múltiplos casos de discriminação racial). Quanto tempo levará para nossos semelhantes da comunidade LGBT+ deixarem de sofrer *homorraiva*, *homofúria* e *homo-ódio* (homofobia é um termo muito leve para retratar o que acontece no mundo fenomênico) e passarem a ser vistos e respeitados como humanos?

Pelo prisma deturpado do homossexualismo, afirma-se que se escolhe iniciar ou permanecer com esse comportamento *anormal*. Mas, se isso se insere no livre arbítrio de cada um, permita-me indagar a você, heterossexual: Quando foi que você decidiu preferir sentir atração por pessoas do gênero diferente do seu? É opção, não é? Se é, há ao menos duas possibilidades elegíveis: hétero ou homo. Se você selecionou pulsar por espécimes do sexo biológico antônimo, supõe-se que essa deliberação foi precedida por uma lista de prós e contras daquelas alternativas. Você pode ter ponderado: se eu for homo, compartilharei as roupas com minha/eu namorada/o, esposa/o ou companheira/o (propositalmente posicionei a desinência feminina em primeiro lugar; não acham que já está na hora, mais rápido que imediatamente, de a predominância masculina, até no idioma, ser interpelada?); ou, se eu for hétero, será mais fácil encontrar fantasias que combinem para festas do Halloween. Você também pode ter aquilatado: sinto prazer mesmo é em receber pênis em minha

vagina ou em visitar cavernas vaginais com meu falo; ou gosto é de penetração anal ou de colóquio de vulvas; ou, na bissexualidade, todas as respostas anteriores. Lembra-se de ter hesitado, bambeado, oscilado para um lado ou outro? Ó dúvida cruel: X* ou p* ou x*p*, o que mais me apetece? Recorreu a cara ou coroa? Preencheu questionários *on-line* de revistas semanais? Pediu a opinião de Ronnie Von? Participou de terapia televisiva em Casos de Família? Se você possui um mínimo de refinamento em compreensão e interpretação textual e captou o sarcasmo dessas autorreflexões e autoinquirições, concluirá que não se opta por umas ou outras sexualidades. Não há opção sexual e sim orientação, inclinação sexual.

E, afinal, o que determinaria a homossexualidade ou a heterossexualidade, ou sua amálgama? Genética, cultura, ambas? Sempre se desconfiou não haver uma origem radicada unicamente nos genes, pois existem vários casos de irmãos gêmeos univitelinos (o DNA é igualzinho) em que um é gay e o outro não. O maior estudo realizado até agora sobre o assunto, conduzido pelas universidades de Harvard e do Instituto de Tecnologia de Massachusetts e divulgado em 2019 (confirmam em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/29/ciencia/1567101473_864944.html), examinou a composição genética de quase 480 mil pessoas e não encontrou estrita correlação entre ela e a orientação sexual. Concluiu-se serem necessárias pesquisas mais amplas, envolvendo um número bem maior de participantes, da ordem de milhões, para tentar identificar ocasionais diferenças de genoma relevantes para balizar a sexualidade. Especulou-se que fatores ambientais interfeririam, não somente ativando ou mantendo em hibernação a expressão de grandes conjuntos de genes, mas também educação e cultura. Enfim, ainda é um mistério.

É bom frisar, porém, que a fonte externa da intensidade de luz solar é contundente, a longuíssimo prazo, para a coloração da pele. Recordemos, segundo a teoria mais aceita, que o *homo sapiens* eclodiu na Etiópia, país situado no nordeste do continente africano, onde o solzão é brabo. A pigmentação da pele desses nossos ancestrais, já desguarnecidos de vasta pelagem corporal, era escura para evitar cânceres epidérmicos. Com as migrações dessas populações para outros locais do globo terrestre, afastando-se mais e mais da Linha do Equador e se dirigindo, em especial, ao alto norte e ao baixo sul, os ambientes de menor luminosidade implicaram, via reconfiguração genética, o clareamento da pele. E por quê? Porque uma derme escura em meio de espartana radiação solar bloqueia a infiltração suficiente de raios UVB (ultravioleta B) pelos seres viventes, raios que, mediante reações fotoquímicas, produzem vitamina D, essencial para a adequada calcificação de ossos e dentes (quando seu cachorro está tomando banho de sol, ele está, instintivamente, tonificando seu esqueleto e suas presas; por favor, não o incomode). Assim, o branqueamento de nossa primeira membrana corporal decorreu, trivialmente, da geografia. Motivo apartidário e involuntário. Se a tonalidade de nossa embalagem deriva da influência ambiental sobre nossos genes, sem nossa intencional intromissão (bronzamento não conta, pois a mudança é provisória), não sendo mais ou menos preciosa a longitude específica de cada um no gradiente de cores, parece razoável e lógico estender essa indiferença avaliativa à possível razão ambiental de nossa íntima predileção de miras para acasalamento.

Todavia, no cotidiano vemos inescandíveis e abundantes demonstrações de despreço pelos *elegebetemais*. Quais seriam as causas? De largada, o (tosco)

preconceito religioso, a propósito do qual já me debrucei alhures¹ e cujas articulações se decalcam em sequência:

“(...) em regra, religiões – centrando-nos, por simplificação, naquelas de matriz cristã – se prestam para discriminar minorias, como homossexuais (Levítico 20:13), e para situar a mulher muitos degraus hierárquicos abaixo do homem, sujeitando as esposas ao controle ilimitado dos maridos (Efésios 5:22). No entanto, a Bíblia – uma obra ficcional, repleta de personagens inventadas – também proíbe, dentre outros tantos arbitrários anacronismos, que o ser humano corte o cabelo e apare a barba (Levítico 19:27); junte animais de espécies diferentes ou use roupas com tecidos díspares (Levítico 19:19); alimente-se de animais marinhos distintos do peixe (Levítico 11:10); coma gordura ou carne malpassada (Levítico 3:17). E ainda permite que os pais vendam suas filhas como escravas (Êxodo 21:7).

Se o relacionamento homoafetivo, a identidade de gênero mais numerosa e a autonomia feminina se consubstanciam, ao que parece das reações de praticantes de diversificadas religiões, em gravíssimos pecados, transgressão idêntica haveria de ser apontada para os capitais pecadores que vão ao barbeiro ou ao cabeleireiro, que criam um cachorro e um bichano como *pets*, que trajam uma calça de brim (formado por algodão e linho ou fibra sintética) ou um vestido de mescla jeans (viscose, poliéster e elastano), que comem camarão, caranguejo ou picanha gorda e/ou pouco cozida. E

¹ Religiões polarizam a humanidade.

nenhuma censura aos pais que traficam suas descendentes. Não sendo assim, há hipócrita e rasa aplicação seletiva e consumo *self service* da suposta palavra divina.

.....

Esse panorama não se teria instalado nem se difundido se, ao menos para os cristãos, fosse vivenciado o ensinamento de amar o próximo como a si mesmo (Mateus 22:37-39), sendo óbvio que ter estima por um próximo muito parecido consigo, que pensa, sente e age como seu próprio grupo, é fácil, e sendo ainda mais óbvio que o alvo dessa doutrina é incentivar o apreço por quem é diferente, aceitando e benquerendo as pluralidade e diversidade humanas. Esse novo costume não teria revogado tacitamente, por incompatibilidade, todos aqueles precedentes com fórmulas de intolerância? Se as religiões entregam segregação em vez de união, então são de pouca utilidade para o desejado aperfeiçoamento humano.”

Mais um falso motivo: homossexualidade não é natural. Consoante o dicionário Aulete Digital, o vocábulo *natural* designa o que se refere à natureza ou é próprio dela (<https://aulete.com.br/natural>). Então, se, por ilustração, existem animais selvagens que *jogam a água fora da bacia*, é inevitável admitir a desintegração daquele postulado. Bem, extrai-se da reportagem *Existe comportamento homossexual animal?*:

“O comportamento homossexual em animais já é algo documentado e bem relatado em laboratório, em cativeiro e principalmente na natureza. Um estudo publicado nem 1999 mostrava que naquela época já haviam sido registradas mais de 1.500

espécies com comportamento homossexual, seja macho com macho ou fêmea com fêmea. Mamíferos, insetos, aves, répteis, anfíbios, todos esses grupos já tiveram registros estudados desse comportamento entre os animais.”

(<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/opiniaio/2023/08/14/o-comportamento-homossexual-em-animais-e-normal.htm>)

Elencando alguns gays e lésbicas da fauna terrestre, aquática e aérea, a referida dissertação cita pinguins-reis, golfinhos-nariz-de-garrafa, botos-cor-de-rosa, besouros, leões, cachorros, sapos, girafas, patos, gorilas, orangotangos, hienas, cobras, morcegos e chimpanzés. Sobre os últimos, anota:

“Em chimpanzés bonobos, espécie viva com o parentesco mais próximo ao ser humano, o sexo faz parte da organização social dos animais. O sexo homossexual entre fêmeas nessa espécie inclusive é mais comum do que entre machos, sendo relatado diversas vezes em estudos, vídeos e fotos. O nível de detalhe é tão grande que é possível afirmar que no sexo entre as fêmeas, elas chegam a ter orgasmos, através de fricção genito-genital. Os machos, quando se relacionam com outros machos, realizam massagens genitais e até mesmo sexo oral. A importância do sexo nessa espécie é muito grande, sendo responsável por aliviar tensão social entre os indivíduos do grupo e até mesmo pela reconciliação de indivíduos.”

Fazendo a chamada de mais um pretexto de intolerância, diz-se que o nascedouro da homossexualidade está em famílias desestruturadas (embora, neste caso, a

indesculpável revolta devesse, por raciocínio cartesiano, ser dirigida não à prole homossexual e sim a seus genitores, os hipotéticos responsáveis por essa imaginada sequela). A 180° do que legiões pensam, essas não são tipificadas por um arranjo lacunoso dos integrantes que coabitam (compostas, por exemplo, somente por pai e filhos ou por mãe e filhos), mas sim, conforme exposto em *Estruturadas X desestruturadas: percepções de família entre profissionais da educação*, por:

“Tanto Lazzari (2014) quanto Moreira e Toneli (2014) afirmam que a desestrutura familiar está relacionada com comportamentos e atitudes que não garantem o cuidado, a segurança e a proteção a todos os indivíduos, evidenciando que a configuração ou modelo de família não está relacionada a situações de estrutura ou de desestrutura, como normalmente se ouve em diversos contextos sociais, inclusive na escola. Ou seja, não importa se a família se encontra ou não organizada de acordo com o modelo tradicional – pai, mãe e filho/s –, e sim se os comportamentos são adequados e eles garantem o bem-estar de todos os indivíduos.”

(http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-7735201900)

E de acordo com a matéria jornalística *Filhos de pais gays crescem tão bem quanto os de casais heterossexuais*:

“São Paulo – Um estudo sobre pais do mesmo sexo concluiu que seus filhos são tão bem psicologicamente ajustados quanto os de casais heterossexuais—ou mesmo melhores. Conduzida

por psicólogos da Universidade de Sapienza de Roma e da Universidade do Texas de Austin, a pesquisa envolveu quase 400 casais.

Feito com base em questionários, o estudo consultou 195 pais heterossexuais (que tiveram filhos sob condições naturais), 70 casais de homens, que tiveram filhos com uma mulher (algo como barriga de aluguel), e 125 casais de mulheres, com concepção por doação de esperma.

.....

Os pesquisadores destacaram que as crianças com pais gays e mães lésbicas foram reportadas mostrando menor ocorrência de problemas psicológicos do que filhos de pais heterossexuais.

.....

O estudo foi analisado pela comunidade científica e publicado no *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*.

No contexto científico, o novo estudo faz sentido e se encaixa em uma série de outros levantamentos e pesquisas feitas em diferentes regiões do planeta.

Em 2010, por exemplo, uma análise de 33 estudos sobre o bem-estar de crianças criadas por pais homossexuais concluiu que não há evidências, em termos sociais, educacionais, comportamentais e emocionais, que elas sejam piores do que os filhos de casais heterossexuais.”

(<https://exame.com/ciencia/filhos-de-pais-gays-crescem-tao-bem-quanto-os-de-casais-heterossexuais/>)

Nessa vereda, a organização do núcleo familiar sob os enfoques da quantidade de e dos papéis desempenhados por atores e atrizes que, simultaneamente, convivem no mesmo palco residencial ou das orientações sexuais dos pais e das mães é de miúda importância para rotular as famílias como funcionais ou disfuncionais e, por tabela, para o sadio ou malsão desenvolvimento dos filhos. E só registrando: a hétero ou a homossexualidade de alguém não é signo de uma criação benéfica nem traumatizante.

Convoca-se outra justificativa fajuta: homossexuais são pedófilos. Essa associação é rejeitada pela acachapante maioria de estudiosos, como se escaneia em *Pânico moral, homofobia e discurso de ódio em um blog na Internet*:

“Não é porque houve um abuso sexual de um homem com um menino que a causa é a homossexualidade, e sim o fato da fantasia do pedófilo ou agressor sexual de ter relações sexuais com uma criança. Segundo o DSM-IV (1995), pedofilia é definida como intensa atração sexual, fantasias sexuais ou outros comportamentos de caráter sexual por pré-pubescentes, não tem relação direta com homossexuais e sim com adultos, homossexuais ou heterossexuais. Existem pedófilos que abusam de meninas, meninos ou os dois. A causa não está na homossexualidade ou na heterossexualidade, e sim no fato da vítima ser uma criança. Intitular um crime como ‘violência homossexual’ (...) soa como se a homossexualidade fosse a causa da violência (...) e promove a intolerância (cf. MARIOTTO & SILVA, 2012, p. 1).”
(<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28021/17150>)

Essas e outras vis e estridentes mentiras, repetidas incessantemente pela parcela de maior número das sociedades humanas, mostram que o medo, a raiva, a fúria e o ódio acerca de homossexuais estão fincados em irrazões culturais. Nenhum fundamento biológico, sociológico ou religioso ampara essa discriminação.

Realce-se que a voz majoritária de um povo muitas vezes não é o melhor para a harmonia social. Um certo militar austríaco que governou a Alemanha, imagina-se que todos saibam quem foi, mirou o extermínio não somente de judeus. Dentre outros grupos, cerca de 200 mil pessoas com deficiência física ou mental, consideradas inúteis, foram assassinadas, até bebês. Sob a gestão nazista, o programa Ação T4 matou, por injeção letal, câmaras de gás, inanição ou abandono, portadores da síndrome de Down, pernetas, esquizofrênicos, cegos, surdos, para e tetraplégicos, hidrocefalos, microcefalos, pessoas com malformações variadas, com funcionamento intelectual bem abaixo da média, torcedores do Sport Clube do Recife (não, engano meu, esses se salvaram pela grande distância da Europa). Se essa concepção tivesse se perenizado, nossos atuais parentes PcD estariam condenados à inescapável morte.

Minorias têm o direito de existir, não apenas de sobreviver às escondidas, nas margens e franjas das coletividades humanas, e sim de viver plenamente às claras, em seus núcleos e medulas, experienciando, não como coadjuvantes periféricos, supérfluos e malquistos e sim protagonistas centrais, vitais e queridos, o que lhes proporciona felicidade. As comunidades menos numerosas de cada sociedade não são as presas; as camadas mais volumosas não são suas predadoras.

Essa patologia cultural é de tamanha magnitude que diversos homofóbicos, homorraivosos, homofuriosos e homo-odientos são homossexuais enrustidos. Leiamos o texto de imprensa *Estudo diz que muitos homofóbicos são homossexuais*:

“**247** - O Departamento de Psicologia da Universidade da Georgia (EUA) concluiu que 'homofóbicos são gays enrustidos'. Na maioria dos casos, há um conflito tão grande quanto a própria sexualidade que o tormento se transforma em raiva e agressividade.

Os pesquisadores recrutaram homens, declaradamente heterossexuais. Eles enfrentaram uma bateria de perguntas que os dividiu em dois grupos: os que se sentiam mais e o que se sentiam menos desconfortáveis com o assunto homossexualidade.

Em seguida todos foram equipados com um pletismógrafo peniano, aparelho que mede o grau de excitação do pênis em resposta a imagens. Os participantes assistiram a cenas de sexo heterossexual, entre duas mulheres e depois entre dois homens.

Na última situação, cobaias do grupo com mais tendências homofóbicas tiveram quatro vezes mais aumento de volume peniano do que os do grupo formado por quem não se incomodava com homossexuais.

Mais da metade dos 'homofóbicos' teve ereção, enquanto menos de um quarto do outro grupo

mostrou algum tipo de excitação ao ver as imagens de dois homens transando. Depois do teste, quando confrontados, todos os homofóbicos negaram a excitação que sentiram minutos antes.

O estudo tem 20 anos. De lá para cá, outras instituições realizaram testes parecidos e o resultado é sempre o mesmo: a atitude negativa, a agressividade, a intolerância e a fobia se manifestam em pessoas que tentam reprimir o desejo sexual que sentem por outros do mesmo gênero (...).”

(<https://www.brasil247.com/brasil/estudo-diz-que-muitos-homofobicos-sao-homossexuais-enrustidos>)

Isso é mais um sintoma de uma sociedade planetária doente. Homossexuais não podem demonstrar amor e afeto a quem têm genuínos e normais sentimentos. Tentando drenar o auto-ódio gerado pela lavagem cerebral da cultura dominante, projetam, como estratégia consciente ou inconsciente de autodefesa, esse ódio para aqueles que gostariam de ser. Quem viu o filme *Beleza Americana* tem uma ideia desse quadro pelo personagem Frank Fitts (a procedência desse sobrenome só pode vir, premeditadamente, do verbete inglês *fits*, uma forma do verbo *fit*, cuja tradução é ajustar ou adequar-se a algo ou alguém), interpretado pelo ator Chris Cooper.

Nossos semelhantes homossexuais não são sub-humanos. Todos somos humanos. Todos merecemos igual respeito. Todos temos o direito de participar da festa da vida, movimentando-se em coreografias pendulares de ritmos trágicos ou cômicos, lentos ou agitados, tristes ou felizes, em

iguais espaços e tempo. Juntos e misturados em concórdia e paz. Como cantaram As Frenéticas em *Dancing Days*:

Abra suas asas
Solte suas feras
Caia na gandaia
Entre nessa festa

E leve com voceeeê
Seu sonho mais louco, louco, louco
Eu quero ver seu corpo
Lindo, leve e solto

A gente às vezes sente, sofre, dança
Sem querer dançar
Na nossa festa vale tudo
Vale ser alguém como eu
Como você

Não se escolhe ser homossexual, mas se pode decidir não ser homofóbico (a frase não é minha, tomei de empréstimo e não descobri a/o autora/or para dar-lhe o crédito), homorraivoso, homofurioso ou homo-odiento.